



Mônica: assustada com a repercussão do discurso.

A moça que apagou o sorriso do ministro

"Sejamos realistas, peçamos o impossível." Com o mesmo slogan usado na revolta dos estudantes franceses em 68, começava o discurso de apenas 33 linhas, datilografadas em uma folha de papel sulfite. Mas ele teve o efeito de uma bomba, capaz de apagar o permanente sorriso do rosto do ministro Bresser Pereira e de arrancar aplausos e lágrimas das pessoas que foram ao Palácio de Convenções do Anhembi, na noite de quinta-feira, para assistir à formatura da turma de administração de empresas da Fundação Getúlio Vargas. A oradora, Mônica Boudayé, ainda está assustada com a repercussão do seu discurso de formatura. Assustada, não arrependida.

No final, estudantes e convidados estavam em pé. Muitos fizeram questão de apertar a mão de Mônica, de agradecer por ela ter dito o que está entalado na garganta de muita gente. Muitos estavam com lágrimas nos olhos e os pais de Mônica — os libaneses Ilham e Hassam, que nunca se envolveram com política — começaram a perder o receio de que a filha fosse presa como imaginaram a princípio. Bresser Pereira, que sempre responde a todas as críticas com um sorriso, estava desconcertado. E, depois de elogiar a estudante, mostrou-se preocupado com o pessimismo generalizado que tomou conta do País.

Afinal, o que disse esta morena bonita de 24 anos, que foi eleita como oradora de sua turma por uma diferença de apenas dois votos? Mônica não criticou diretamente o ministro Bresser Pereira, ou o governo da Nova República, que ela diz "ser tão nova quanto a velha". Mas, elegantemente, a formanda não poupou nem o sistema de ensino, nem o conformismo dos estudantes brasileiros.

Lembrou a todos que "estamos

nos formando numa época de desemprego, de arrocho salarial, de recessão, de instabilidade política, econômica e social". Falou da tragédia do salário mínimo, das condições de vida de milhões de brasileiros, da corrupção e das falsas promessas dos políticos, da falta de cumprimento das leis e da inoperância dos planos econômicos.

Para finalizar, Mônica convidou seus companheiros a se envolverem com o que está a seu redor.

Para uma plateia que aplaudia em pé, praticamente gritou: "Vamos ser realistas, pedir e lutar pelo que tem sido impossível de se conseguir neste país: DIGNIDADE E RESPEITO AO SER HUMANO!"

Sobre o ministro Bresser Pereira, esta filha de comerciantes — que mora com os pais e dois irmãos no Morumbi, típico bairro de classe A — comentou: "É um brilhante economista, mas falta-lhe o jogo de cintura de um bom político". Classificou o presidente Sarney de "inseguro" e acusou o deputado Ulysses Guimarães de usar "boa parcela de poder para fortalecer o seu partido".

Para Mônica, o Brasil está realmente atravessando um momento crítico, em que predomina a descrença. Ela acha que o governo não está sabendo como conciliar problemas como os da dívida externa, salários, controle da inflação. Mônica acredita pouco ou nada nos políticos e nas instituições. Mas acha que há saídas:

— Estamos em um beco sem saída. O que falta é um pouco de patriotismo, de nacionalismo. Nós, que estamos saindo da faculdade para um mercado de trabalho difícil, precisamos adotar uma postura ética. Não criamos a atual situação, mas devemos fazer um pouco de sacrifício para ajudar este País a sair do buraco.

Jane Soares